



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais 4

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M587	<p>As metas preconizadas para a educação e a pesquisa integrada às práticas atuais 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-92-8 DOI 10.22533/at.ed.928201304</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir. (Gaston Bachelard).

A pesquisa integrada às práticas atuais é um fenômeno que, inegavelmente, converge para a necessidade de mudança nos programas formativos voltados para modelos meramente instrucionistas e burocratizados, uma vez que na atualidade a competência do profissional docente deve ir muito além das fronteiras disciplinares e dos procedimentos de transmissão do conhecimento. O formalismo que tem contornado a pesquisa de muitas de nossas universidades coloca o ensino em uma posição ambígua, pois, de um lado, ele é supervalorizado, muito embora de forma equivocada, já que a instrução tem sido o seu maior motivo de existência; de outro, ele é menosprezado, porquanto a pesquisa, para muitos, é atividade inegavelmente mais nobre que ensino, essa querela atravessa diariamente as portas da universidade e invade o cotidiano das escolas, tendo como porta-voz um professor programado para 'dar' aulas, aplicar provas, atribuir notas, aprovar ou reprovar os alunos. Estas vítimas de um sistema de ensino ultrapassado e reprodutor de ideologias dominantes, prosseguem toda a sua vida escolar na posição de receptáculos de conteúdo, ouvintes acomodados e repetidores de exercícios vazios de sentido e significado. Esse é um fato por nós conhecido, o qual requer ordenamentos políticos, econômicos e pedagógicos para assegurar o desenvolvimento de uma nova cultura docente. Cultura esta que demanda a presença da pesquisa como princípio científico e educativo, tal como formulado

A pesquisa vem sendo, cada vez mais, foco de discussões em diversos contextos educativos, em diferentes campos do conhecimento. Na área da educação, apresentam-se argumentos que discutem a pesquisa enquanto dispositivo para um desenvolvimento imaginativo que incentiva e possibilita reflexões, tomadas de decisões, resoluções de problemas e julgamentos que valorizam o aluno enquanto protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Pensar sobre a pesquisa na educação implica considerar diferentes aspectos, envolvendo questões sociais, culturais, psicológicas, antropológicas, históricas e políticas nas mais diversas dimensões da vida. A pesquisa vem sendo compreendida como uma demanda social, principalmente no que se refere aos processos de aprendizagem. É importante perceber como a pesquisa é relevante para todos os aspectos da aprendizagem. Esses argumentos repercutem no âmbito educacional, à medida que se compreende a importância de que os estudantes tenham a oportunidade de se posicionar diante de situações com autonomia, tomando decisões e construindo

suas identidades, incertezas, complexidades, progressos e mudanças e isto vêm gerando desafios e problemáticas imprevisíveis, requerendo soluções criativas. Nesse sentido, a educação, de modo geral, deveria acompanhar essas mudanças e desafios da atualidade. Os trabalhos destacam a relevância das pesquisas a importância das práticas criativas nos processos de ensino e aprendizagem, o incremento dessas práticas em diferentes contextos educacionais. É importante destacar que, as pesquisas são utilizadas de forma distinta para definir os campos teórico-conceituais e da prática educativa. Desse modo, a pesquisa se refere ao estudo das teorias, conceitos e definições. É evidente que a importância da pesquisa, a problematização nos tempos atuais, enfatizando a essência do diálogo, que consiste na ação e na reflexão do conhecimento do homem frente à realidade do mundo, interpretando-o, tendo em vista a possibilidade de se vislumbrar um mundo bem.

Por fim não apenas recomendo a leitura dos textos do e-book “As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais” e dos 97 artigos divididos em 04 volumes, mais do que isso, sugiro o estudo efetivo a fim de mobilizar nossas mentes a promover o debate ainda mais acirrado diante da conjuntura política dos tempos atuais, a fim de fortalecer o movimento cotidiano.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SEMENTÁRIO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, QUAL A RELAÇÃO?	
Silvia Naiane Jappe	
Beatriz Helena Gomes Rocha	
Vera Lucia Bobrowski	
Thais Monteiro Miranda	
Julio Cesar Paes Jácome de Araujo Filho	
Aldo Girardi Pozzebon	
DOI 10.22533/at.ed.9282013041	
CAPÍTULO 2	9
UMA ANÁLISE MULTICRITÉRIO PARA USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO EAD	
Fabiano de Paula Soldati	
Eduardo Gomes de Oliveira	
Gustavo Oliveira Rodrigues	
Paôla Pinto Cazetta	
Matheus Licazali Novais	
Alessandro dos Santos Rodrigues	
Arthur Webster Moreira	
Joel Peixoto Filho	
DOI 10.22533/at.ed.9282013042	
CAPÍTULO 3	21
VIOLÊNCIA ESCOLAR E A PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	
Luciano Tadeu Corrêa Medeiros	
Elianay Wilkerson da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9282013043	
CAPÍTULO 4	43
VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA NA ESCOLA E SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM DOCENTES: ALGUMAS APROXIMAÇÕES	
Ana Paula dos Santos Silva	
Fernando César Bezerra de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.9282013044	
CAPÍTULO 5	56
GÊNERO E ENSINO SUPERIOR: A INSERÇÃO DE MULHERES NO CURSO DE ELETROTÉCNICA INDUSTRIAL DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO – CAMPUS PONTES E LACERDA	
Maria Eduarda Araujo de Aquino	
Joyce Brito Silva	
Jessica Aparecida Cássia dos Santos	
Bruna Garcia Fonseca	
Aline Pereira Dutton	
DOI 10.22533/at.ed.9282013045	
CAPÍTULO 6	65
O LUGAR DA AFETIVIDADE RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	
Rafaella Almeida Aragão	
Alexsandra Maria Sousa Silva	

CAPÍTULO 7	73
A INTERSEÇÃO DA CULTURA ASPECTOS INDIVIDUAIS NA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Yubis Pereira Martins	
Monique Delgado	
Melissa Camilo	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Dayana Almeida Silva	
Valquiria Nicola Bandeira	
Marilurdes Cruz Borges	
DOI 10.22533/at.ed.9282013047	
CAPÍTULO 8	86
ENSINO DE ASTRONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE TRABALHOS DOS ENPEC'S DE 2009 ATÉ 2017	
Érika de Sousa Azevedo	
Evonir Albrecht	
DOI 10.22533/at.ed.9282013048	
CAPÍTULO 9	94
INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DE POESIA NA ESCOLA COMO ATIVIDADE LÚDICO INTERPRETATIVA	
Vinícius Melo de Freitas	
Luân Felipe Valente Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9282013049	
CAPÍTULO 10	104
DESAFIO DOCENTE FRENTE AO DIÁRIO ONLINE NA EEM JOSEFA BRAGA BARROSO NO MUNICÍPIO DE MIRAÍMA-CE	
Maria Darliane Araújo de Souza	
Antônia Evangelina Custódio Gonçalves	
Roberta Bussons Rodrigues Valério	
DOI 10.22533/at.ed.92820130410	
CAPÍTULO 11	113
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Amanda Nunes Gomes Meira	
Paula Maria Nunes da Silva	
Niedja de Freitas Pereira	
Bruna Toso Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92820130411	
CAPÍTULO 12	125
LITERATURA SURDA: A CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO CONCEITO DE IDENTIDADES SURDAS DE PERLIN, UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA (UFRA)	
Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo	
Liliane Afonso de Oliveira	
Alessandra de Sousa Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.92820130412	

CAPÍTULO 13	135
NARRATIVA E TRAJETÓRIA: ANSEIOS E MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Paula Bárbara Miranda Camilo Anderson da Cunha Baía	
DOI 10.22533/at.ed.92820130413	
CAPÍTULO 14	142
MÉTODO ALTERNATIVO PARA <i>SCREENING</i> DE POTENCIAIS NOVOS AGENTES ANTITUMORAIS	
Jordana Casemiro Pinto Monteiro Rodrigo Casemiro Pinto Monteiro Mariana Pinheiro Guimarães Pinto Regina Mara Silva Pereira Susana Nogueira Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.92820130414	
CAPÍTULO 15	149
NÚMEROS E GRANDEZAS E MEDIDAS (QUESTÕES): O QUE DIZEM OS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DE MATEMÁTICA DO 6º ANO?	
Sivonaldo de Melo Sales Albaneide Silva Celestino	
DOI 10.22533/at.ed.92820130415	
CAPÍTULO 16	162
O DESPERTAR DA LIBERDADE, O USO DE <i>FACEBOOK</i> PARA A PROMOÇÃO DAS PRÁTICAS LEITORAS E ESCRITORAS: OLHARES E REPRESENTAÇÕES DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM FEIRA DE SANTANA - BAHIA	
Patrícia Trindade Nunes Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92820130416	
CAPÍTULO 17	173
O ENSINO DO FRANCÊS ATRAVÉS DA MÚSICA – RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO INTITULADO “LÍNGUA E CULTURA FRANCESA ATRAVÉS DA MÚSICA PARA ALUNOS E SERVIDORES DA UFPB E COMUNIDADE EXTERNA” – UFPB 2019	
Cynthia Silva Teixeira Lima Thayaná Carla Linhares César	
DOI 10.22533/at.ed.92820130417	
CAPÍTULO 18	179
O ENSINO DA LIBRAS COMO L2 PARA IDOSOS COMO AÇÃO DE MEDIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NO ÂMBITO DA SAÚDE	
Ana Cristina de Sousa Costa Ana Rebeca Medeiros Nunes de Oliveira Andrea Maria Araújo Ferreira de Lima Antonio Daley Marques do Nascimento Marilene Calderaro Munguba	
DOI 10.22533/at.ed.92820130418	
CAPÍTULO 19	187
O EXAME DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA DA PUCPR: UMA PRÁTICA DE LETRAMENTO ACADÊMICO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO	
Cristina Yukie Miyaki	

DOI 10.22533/at.ed.92820130419

CAPÍTULO 20 201

O LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM DIÁLOGO
INDISPENSÁVEL NAS FORMAÇÕES CONTINUADAS

[Rhafaela Rico Bertolino Beriula](#)

DOI 10.22533/at.ed.92820130420

CAPÍTULO 21 212

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA GESTÃO EDUCACIONAL: IMPLICAÇÕES A PARTIR DA
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

[Dalva Helena de Medeiros](#)

DOI 10.22533/at.ed.92820130421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 225

ÍNDICE REMISSIVO 226

ENSINO DE ASTRONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE TRABALHOS DOS ENPEC'S DE 2009 ATÉ 2017

Data de aceite: 27/03/2020

Data de submissão: 09/03/2020

Érika de Sousa Azevedo

Universidade Federal do ABC

Santo André - SP

<http://lattes.cnpq.br/8056234369005641>

Evonir Albrecht

Universidade Federal do ABC

Santo André - SP

<http://lattes.cnpq.br/6069287623413362>

RESUMO: O presente artigo apresenta os resultados obtidos na análise dos trabalhos publicados nos eventos dos ENPEC's de 2009 a 2017. Tendo como objetivo deste estudo identificar produções sobre o Ensino de Astronomia para o segmento da Educação Infantil no período. A pesquisa encontrou 65 trabalhos que fazem referência ao tema, porém ao analisar os dados obtidos, foi possível inferir que mesmo o Ensino de Astronomia sendo uma possibilidade de trabalho da área de Ciências em todos os segmentos, não encontramos pesquisas e estudos que fundamentam o trabalho com crianças de 4 e 5 anos. Tal aspecto demonstra que ainda há necessidade

de produzir estudos que contribuam para que o Ensino de Astronomia seja trabalhado com a faixa etária da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: educação infantil, ensino de astronomia, alfabetização científica.

TEACHING ASTRONOMY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: ANALYSIS OF ENPEC'S WORK FROM 2009 TO 2017

ABSTRACT: The present article presents the results obtained in the analysis of the works published in the events of the ENPEC from 2009 to 2017. With the objective to investigate if there are works on the Teaching of Astronomy for the segment of Early Childhood Education in the period. The research found 65 works that referred to the theme, but when analyzing the data obtained, it was possible to infer that even the teaching of astronomy being a possibility of work of the area of Sciences in all the segments, we did not find studies and studies that base the work with children of 4 and 5 years. This aspect demonstrates that there is still a need to produce studies that contribute to the teaching of Astronomy being worked with the age group of Early Childhood Education.

KEYWORDS: children's education, astronomy teaching, scientific literacy.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, compreendendo crianças de zero a cinco anos de idade. Do ponto de vista legal, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) esta etapa tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social (BRASIL, 1996).

A Educação Infantil prevista desde a Constituição Federal de 1988 e regulamentada na Lei de Diretrizes e Bases, somente foi considerada obrigatória após a Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, e apenas em 2013 esta obrigatoriedade foi promulgada, e as novas normas foram estabelecidas pela Lei nº 12.796.

Mesmo antes do segmento ser obrigatório, atendendo às determinações da LDB para esta etapa da Educação, o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), apresentou eixos de trabalho para a construção de diferentes linguagens: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. (BRASIL, 1988).

Prevista no RCNEI a área de Ciências Humanas e Naturais vem sendo trabalhada a partir do eixo Natureza e Sociedade, no qual ressalta que as crianças vivem no mundo inseridas em um conjunto de fenômenos naturais e sociais, e se mostram desde muito pequenas curiosas e investigativas, fazem perguntas e procuram respostas para suas indagações. (BRASIL, 1988).

É fundamental que a curiosidade peculiar à criança pequena possa, pouco a pouco, ser alimentada por respostas, que gerem outras perguntas, de modo que, nesse encadeamento de conhecimentos, os conceitos científicos aflorem, sem a perda da curiosidade e do questionamento (SILVA, 2016, p.47).

Alguns dos temas que chamam a atenção das crianças por estarem próximos da sua realidade, são os conteúdos do Ensino de Astronomia. Eles podem ser percebidos ao olhar para o céu, ver os astros, a passagem das estações do ano, etc., assim como sugere o RCNEI em suas Orientações Didáticas.

Os fenômenos relacionados à astronomia também despertam grande curiosidade nas crianças e podem ser trabalhados por meio da pesquisa em livros, fotos, filmes de vídeo, ilustrações e revistas, de experiências simuladas e da reflexão. Perguntas como “Por que o sol não cai do céu?”, “Para onde ele vai durante a noite?”, ou “Por que a lua às vezes aparece de dia?” permitem que as crianças possam manifestar suas hipóteses sobre esses fenômenos e, pelo trabalho do professor, modificá-las gradualmente, à medida que novos conhecimentos possam ser integrados àqueles que elas já possuem. A observação dos fenômenos astronômicos pode ocorrer de forma direta e com o auxílio de lunetas e outros instrumentos desde que sejam tomados os cuidados necessários para não expor os olhos das crianças ao excesso de luz solar (BRASIL, 1998, p. 192).

Podemos perceber que os documentos orientadores para a Educação Infantil,

sugestiona um trabalho voltado ao Ensino de Astronomia desde 1998, com intuito de desenvolver aprendizagens significativas na área de Ciências a partir das vivências das crianças, além de possibilitar a Alfabetização Científica com os pequenos.

Dada a importância do Ensino de Ciências desde a primeira etapa da Educação e às possibilidades de trabalho com o tema, nos surge a questão:

Há pesquisas sobre o Ensino de Astronomia voltado para a faixa etária da Educação Infantil?

O objetivo deste estudo visa identificar produções sobre o Ensino de Astronomia para o segmento da Educação Infantil nos eventos dos ENPEC's de 2009 a 2017.

Como uma forma de investigar se existem pesquisas sobre o Ensino de Astronomia para faixa etária da Educação Infantil nos últimos anos, o período foi escolhido devido à obrigatoriedade desta etapa de ensino a partir de 2009.

Realizamos uma análise dos artigos referentes à temática publicados nas cinco últimas edições, de (2009 a 2017) do ENPEC (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências), o evento foi escolhido devido a grande importância para a área de ensino de Ciências. O encontro é promovido bianualmente pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação e Ciências – ABRAPEC.

2 | AS POSSIBILIDADES DO ENSINO DE ASTRONOMIA SEGUNDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 20 de dezembro de 2017, documento de caráter normativo, visa nortear o que é ensinado nas escolas em todas as etapas da educação básica, desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio. O documento está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos.

- a. **Princípios éticos:** valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades;
- b. **Princípios políticos:** dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
- c. **Princípios estéticos:** valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2013, p.87).

Ainda pautado no documento, a etapa da Educação Infantil compreende seis direitos de aprendizagem que devem ser garantidos a todas as crianças: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Para o desenvolvimento do trabalho na Educação Infantil, a BNCC não está organizada por áreas do conhecimento como nas outras etapas, mas a partir da concepção de “*campos de experiências*”, “ressaltando que os conhecimentos da linguagem, da matemática, das ciências humanas e da natureza se anunciam em todos os campos de experiências

na Educação Infantil”. (CAMPOS; BARBOSA, 2016, p.360)

Com a premissa de que o ensino não deva ser fragmentado, o Ensino de Astronomia destaca-se por ser um tema que segundo Langhi e Nardi (2013) apresenta potencialidades de interdisciplinaridade, além de corroborar com o RCNEI (1998) em suas Orientações Didáticas do qual já apresentava sugestões do trabalho com os pequenos, enfatizando a importância do tema.

3 | METODOLOGIA

A pesquisa realizada de caráter “estado da arte”, segundo Ferreira (2002). Tem como objetivo “mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares”.

Utilizamos como metodologia a Análise de Conteúdo proposta pela autora Bardin (2016), que estabelece três fases na análise de conteúdos, a primeira denominada de 1) pré- análise: fase em que o material a ser analisado é organizado e sistematizado, com o intenção de se tornar operacional; 2) exploração do material: é nessa fase que são definidas as categorias, são feitas as compilações e classificações; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretações: consiste na última fase em que são discutidos e analisados profundamente os resultados, é o momento da análise crítica e reflexiva.

Desta forma, tendo como base o método da análise de conteúdo de Bardin (2016), a fase pré-análise consistiu em um mapeamento das atas eletrônicas dos eventos dos ENPEC de 2009 a 2017 a partir dos títulos dos trabalhos. Na segunda fase de exploração do material, além de considerar os títulos, foi realizada leitura flutuante dos resumos para que houvesse confirmação dos dados, caso não houvesse clareza quanto ao público alvo no título das pesquisas, e por fim, na terceira fase, foi realizado as inferências a partir dos resultados obtidos.

4 | RESULTADOS

De posse dos dados obtidos nas atas eletrônicas, foi possível verificar que em um total de 6.479 trabalhos aprovados nestes últimos cinco eventos, apenas 65 foram de temas relacionados ao Ensino de Astronomia, totalizando 1% do total neste período, ou seja, um número tímido para o evento, dado a importância do tema para a área de ensino de Ciências. A partir dos trabalhos aprovados neste período, foram categorizados os temas relacionados ao ensino na Educação Básica, a fim de identificar produções pertinentes à Educação Infantil.

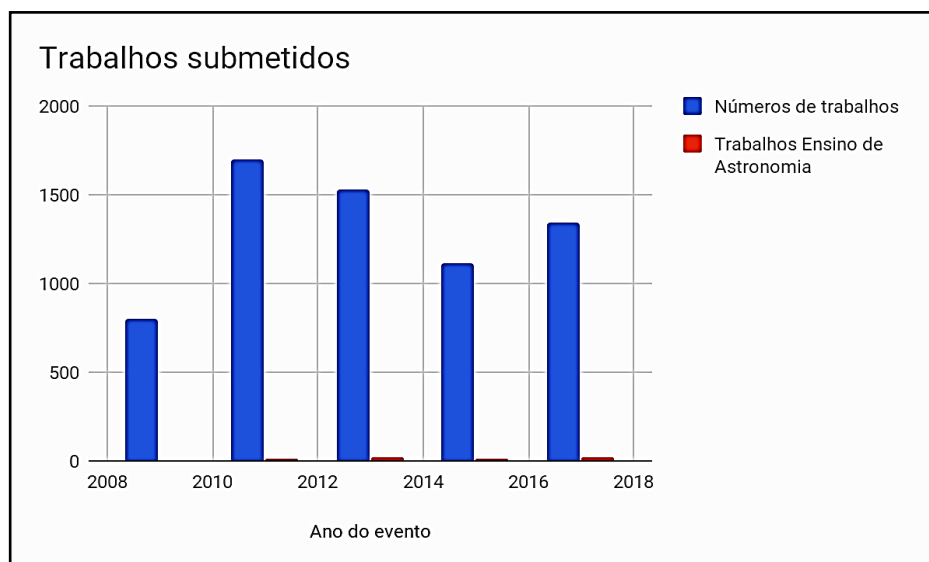


Figura 01: Gráfico dos trabalhos aprovados ENPEC de 2009 à 2017.

Fonte: O autor.

Mapeando as atas eletrônicas do VII ENPEC de 2009 realizado em Florianópolis -SC, encontramos 5 resumos de trabalhos que tratam de temas relacionados à Astronomia, dentre os 799 trabalhos aprovados para apresentação. No VIII ENPEC de 2011 realizado na UNICAMP, em Campinas - SP, em um total de 1695 trabalhos, 12 são da área de Educação em Astronomia. No evento do IX ENPEC de 2013 em Águas de Lindóia, SP, foram aprovados 1526, destes, 18 trabalhos relacionados à Astronomia. No X ENPEC de 2015 novamente realizado em Águas de Lindóia - SP, 13 trabalhos encontrados na área de Astronomia dos 1116 trabalhos aprovados. E, por fim, no último evento realizado em 2017 no XI ENPEC em Florianópolis - SC, encontramos 17 resumos dos 1343.

Ano do evento	Local do evento	Número de trabalhos	Trabalhos Ensino de Astronomia
VII ENPEC - 2009	Florianópolis –SC	799	5
VIII ENPEC - 2011	Campinas – SP	1695	12
IX ENPEC - 2013	Águas de Lindóia - SP	1526	18
X ENPEC - 2015	Águas de Lindóia - SP	1116	13
XI ENPEC - 2017	Florianópolis –SC	1.343	17

Quadro 01: Mapeamento dos trabalhos.

Fonte: O autor.

Dentre os trabalhos encontrados observamos que ao longo dos eventos o tema de Astronomia foi sendo incorporado nas diversas linhas que o evento propõe.

Identificamos 26 pesquisas relacionadas diretamente com as diversas etapas da Educação Básica. Dentre elas 6 estão denominadas para Educação Básica sem

definir em qual etapa o trabalho se enquadra, apenas 1 dos trabalhos é realizado desde a primeira etapa (Ed. Infantil) a última (Ensino Médio), compreendendo toda a Educação Básica. Foram apresentados 4 trabalhos direcionados ao Ensino de Astronomia para o Ensino Médio. Para o Ensino Fundamental anos iniciais e finais, foram realizados um total de 15 trabalhos. E, nenhuma proposta de trabalho foi submetida para o desenvolvimento do Ensino de Astronomia para Educação Infantil, mesmo sendo um conteúdo proposto nas Orientações Didáticas do RCNEI e sendo um tema próximo da vivência das crianças.

Etapas da Educação Básica	T	P
Educação Básica - Geral	7	10,5%
Ensino Médio	4	6%
Ensino Fundamental - anos finais	8	13%
Ensino Fundamental - anos iniciais	7	10,5%
Educação Infantil	0	0

Quadro 02: Mapeamento dos trabalhos sobre Educação em Astronomia apresentados nos ENPECs por Etapas da Educação Básica. Número de trabalhos (T) e respectiva porcentagem (%) com relação ao total de trabalhos apresentados (65).

Fonte: O autor.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento neste “recorte” dos ENPEC de 2009 à 2017, foi possível inferir que apesar da importância de se desenvolver o Ensino de Ciências desde a Educação Infantil, esta área ainda é pouco explorada e discutida, poucos foram os trabalhos apresentados ao longo destes últimos cinco eventos analisados, e no que tange os conteúdos relacionados ao Ensino de Astronomia, nada foi encontrado, o que nos inquieta, pois como ressalta os autores Langhi; Nardi (2013), o Ensino de Astronomia além de despertar a curiosidade das pessoas em geral é uma possibilidade de aproximação do ensino pela Ciências.

“é preciso, pois, intensificar tal linha de investigação, tornando mais eficiente e ampla a divulgação da produção acadêmica, fazendo avançar de maneira mais eficaz a produção de conhecimento na área e suas contribuições para o sistema educacional” (BRETONES et. al, 2005, p. 06).

Embora não tenhamos identificado nenhuma pesquisa neste período, acreditamos que o Ensino de Astronomia é uma possibilidade de desenvolver um trabalho de Ciências com as crianças desde a Educação Infantil.

Fin e Malacarne (2012), afirma que se o Ensino de Ciências na Educação Infantil fosse de alguma forma sistematizado e os alunos levados ao pensar científico, a chegada das Ciências Naturais no 1º ano do Ensino Fundamental seria nada mais

que a continuidade de um processo de ensino-aprendizagem e este se daria de maneira mais efetiva e motivadora.

Nesta perspectiva, o trabalho com o Ensino de Astronomia contribuiria para aprimorar as habilidades investigativas das crianças, levando em consideração todo o potencial cognitivo que essa faixa etária possui, além de colocá-los em contato desde cedo com a Alfabetização Científica. Conforme Lorenzetti (2000), quanto mais cedo se iniciar o processo de Alfabetização Científica, mais fácil é a familiarização com sua linguagem, forma de interpretar fenômenos e significados.

É preciso também proporcionar oportunidades para que os alunos tenham um entendimento público da ciência, ou seja, que sejam capazes de receber informações sobre temas relacionados à ciência, à tecnologia e aos modos como estes empreendimentos se relacionam com a sociedade e com o meio-ambiente e, frente a tais conhecimentos, sejam capazes de discutir tais informações, refletirem sobre os impactos que tais fatos podem representar e levar à sociedade e ao meio ambiente e, como resultado de tudo isso, posicionarem-se criticamente frente ao tema (SASSERON, 2016, p.336).

Para trabalhos futuros, seria oportuno estudos deste tema relacionado com a etapa da Educação Infantil de maneira a oferecer subsídios, contribuir e embasar o trabalho em sala de aula com crianças pequenas. Também seria conveniente que as palestras de abertura, mesas redondas, grupos de trabalho e outras produções ocorridas nos ENPECs, desse especial atenção a esta etapa da educação básica que não vem sendo contemplada ao longo dos últimos anos, tanto na área do Ensino de Astronomia como na área de Ciências como um todo.

Espera-se que as análises aqui apresentadas sejam úteis na divulgação da produção acadêmica na área, e que tais pesquisas futuras possam subsidiar programas de interação dos pesquisadores com a realidade escolar da educação infantil, e assim preencher as lacunas e necessidades da pesquisa educacional para esta etapa da educação básica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. 279p.

BRASIL. Lei nº 9394, de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

_____. BRASIL. RCNEI: **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Conhecimento de Mundo, Os fenômenos da natureza**. Ministério da Educação e de Desporto / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Volume 3, 1998.

_____. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação**. Secretaria de

Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

BRETONES, Paulo Sergio; MEGID, NETO. J. **Tendências de Teses e Dissertações sobre Educação em Astronomia no Brasil**. Boletim da Sociedade Astronômica Brasileira, v. 24, n. 2, p. 35-43, 2005.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79, Agosto, 2002.

FIN, Alexandra Soares de; MALACARNE, Vilmar. **A concepção do ensino de ciências na educação infantil e as suas implicações na formação do pensamento científico no decorrer do processo educacional**. Seminário de Pesquisa PPE. Universidade Estadual de Maringá, 2012.

LORENZETTI, Leonir. **Alfabetização científica no contexto das séries iniciais**. 2000.

SASSERON, Lúcia Helena; DE CARVALHO, Ana Maria Pessoa. **Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo**. Investigações em ensino de ciências, v. 13, n. 3, p. 333-352, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem pedagógica 113, 115

Afetividade 49, 65, 67, 68, 69, 70, 71

Alfabetização Científica 86, 88, 92, 93

Anos Finais 91, 149, 154

Antitumorais 142, 143, 144, 146, 148

Aprendizagem 4, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 26, 30, 33, 39, 42, 44, 48, 50, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 88, 92, 97, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 117, 122, 123, 150, 151, 152, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 193, 195, 196, 198, 199, 200, 205, 208, 211, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 223

Avaliação 149, 151, 154, 156, 158

C

Cães 142, 143, 144, 145, 147, 148

Ciências exatas 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64

Contexto escolar 22, 23, 28, 113, 115, 159, 166

D

Desvantagens 104

Dialogicidade 2

Diário Online 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Divisão sexual do trabalho 57, 60, 62

Docência 15, 33, 43, 46, 51, 53, 54, 137, 211, 219

E

Educação de Jovens e Adultos 201, 202, 204, 210, 211

Educação Física 135, 136, 137, 138, 140, 141, 222

Educação Infantil 65, 66, 67, 68, 71, 72, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 102, 212, 213, 216, 222

EJA 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211

Eletrotécnica Industrial 56, 57, 58, 59, 62, 63

Emoções Negativas 43, 46, 49, 50, 51, 53, 55

Ensino-aprendizagem 19, 92, 104, 122, 173, 174, 176, 177, 186, 188, 190, 195, 196, 198, 199, 205, 208, 218, 220

Ensino de Astronomia 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Ensino de Libras com L2 179

Ensino distância 10

Extensão Universitária 1, 2, 4, 7, 8

F

Formação Continuada 38, 159, 201, 202, 203, 206, 207, 209, 210, 220, 222, 223, 225

Formação inicial 51, 94

G

Gênero 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 95, 97, 98, 99, 102, 175, 191, 193, 198, 199

Genes antiapoptóticos 142, 143

I

Identidade social 73, 77, 84

Idosos 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 201, 205, 210, 217

Indisciplina na escola 43, 44, 46, 49, 53, 54

Inteligência Emocional 67, 71, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124

IQE 149, 150, 160

L

Leitura 94, 172, 197, 198

Letramento digital 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211

Linfoma 142, 143, 144, 145, 146, 147

M

Matemática 62, 87, 88, 108, 130, 139, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 216, 222

Metodologia ativa 12, 14, 19, 113, 122

Metodologias ativas 9, 10, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 115, 116, 182, 183, 186

Multicritério 9, 10, 11, 13, 14, 19, 20

N

Narrativa 135, 136, 140

P

Poesia 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Professora 30, 33, 34, 65, 113, 135, 136, 137, 139, 140, 162, 185, 201, 203, 204, 206, 209, 210, 211

R

Relação professor-aluno 48, 49, 50, 65, 71

Relato de experiência 1, 113, 123, 173, 178

Rizoma 135, 139, 140

Rutina Zinco 142, 143, 146

S

Sementes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

Sexualidade 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 225

Síndrome de Burnout 43, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 54

Situações-problema 149, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159

T

Tecnologias Digitais 104, 201, 202, 203, 204, 208, 210

Transgênero 73, 77, 79, 80, 83

V

Vantagens 104, 107, 117, 182

Violência 21, 26, 41, 42, 43, 49, 50, 53, 54

 **Atena**
Editora

2 0 2 0